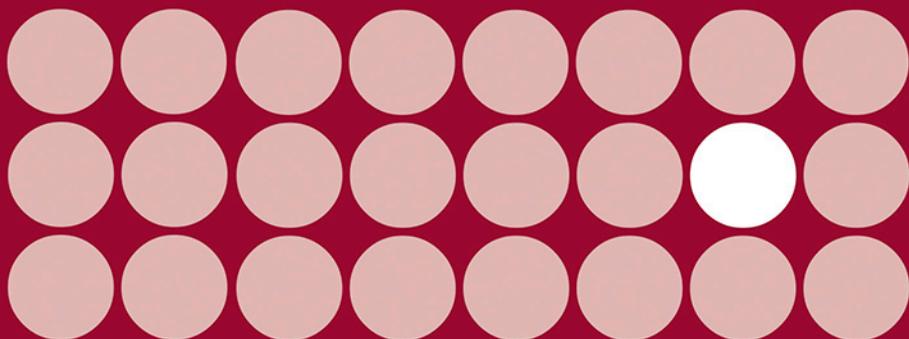


Provérbios

Introdução
e comentário

Derek Kidner



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA· VIDA NOVA



ÍNDICE

Prefácio Geral	5
Prefácio do Autor	9
Abreviaturas Principais	11
Introdução	13
O Livro de Provérbios e a Sabedoria de Israel	13
A Sabedoria no Mundo Antigo	17
A Estrutura, Autoria, Data e Texto de Provérbios	22
Estudo de Assuntos	30
Deus e o Homem	30
A Sabedoria	35
O Insensato	37
O Preguiçoso	41
O Amigo	42
Palavras	44
A Família	49
A Vida e a Morte	51
Análise	55
Comentário	56
Uma Breve Concordância de Provérbios (ARA)	179

PREFÁCIO DO AUTOR

“Na multidão de palavras não falta transgressão” (Pv 10:19 ARC); quando se trata de sessenta mil delas, um prefácio nada fará para melhorar a situação. Mesmo assim, desejo agradecer àqueles que me indicaram várias notas e estudos de assuntos no Livro de Provérbios que, doutra forma, teria deixado passar em branco. Nos meus tempos de estudante, meus pés foram dirigidos para este caminho pelo Professor D. W. Thomas, para maior benefício meu; não se deve pensar, porém, que meu progresso errático seja culpa dele. Em tempos mais recentes, também desfrutei do estímulo e conselho de membros do Grupo Veterotestamentário da Comunidade Tyndale, especialmente do Professor D. J. Wiseman e do Sr. K. A. Kitchen — mas eles, também, devem ser inocentados de qualquer cumplicidade pelas conclusões que tirei, sendo elas minhas próprias.

Pede-se ao leitor que tenha paciência com discussões que às vezes se tornam um pouco técnicas, pois mesmo num comentário breve, a primeira preocupação tem de ser o significado do texto. Mesmo assim, para formar um contrapeso a esta atenção a detalhes, incluí duas ajudas para a “navegação”, mediante as quais se torna mais fácil a exploração de Provérbios de fio a pavio. A primeira é uma coleção de estudos de assuntos, na qual oito tópicos principais de ensino, espalhados pelo Livro inteiro, têm suas respectivas matérias juntadas; a segunda é uma breve concordância que talvez servirá para o propósito duplo de localizar ditados que nos escapam à memória (num Livro onde, bem se sabe, há dificuldade em fixar a posição de provérbios individuais), e de providenciar os inícios de estudos adicionais por assunto. Por tais meios, possa a negligenciada riqueza dos Provérbios achar seu caminho para muitas mãos novas.

Derek Kidner

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

- AASOR** *Annual of the American Schools of Oriental Research* (“Anuário dos Colégios Americanos de Pesquisas Orientais”).
- AIBB** Almeida, Versão da Imprensa Bíblica Brasileira.
- ANET** *Ancient Near Eastern Texts*² (“Textos do Antigo Oriente Próximo”) por J. B. Pritchard, 1955.
- ARA** Almeida Revista e Atualizada.
- ARC** Almeida Revista e Corrigida.
- AV** Versão Inglesa Autorizada da Bíblia (“Rei Tiago”).
- BDB** *Hebrew-English Lexicon of the Old Testament* (“Dicionário Hebraico-Inglês do Antigo Testamento”) por Brown, Driver and Briggs, 1907.
- BWL** *Babylonian Wisdom Literature* (“Literatura Sapiencial Babilônica”) por W. G. Lambert, 1960.
- DOTT** *Documents from Old Testament Times* (“Documentos dos Tempos do Antigo Testamento”), editado por D. W. Thomas, 1958.
- E.T.** Tradução em inglês de uma obra estrangeira.
- Fritsch** Ver IB, abaixo.
- Heb.** Hebraico.
- IB** *Interpreter's Bible* (“Comentário Bíblico para Intérpretes”), Vol. 4 (Salmos, Provérbios), 1955: Exegese por C. T. Fritsch.
- ICC** *International Critical Commentary: Proverbs* (Comentário Crítico Internacional: Provérbios), por C. H. Toy, 1899.
- JBL** *Journal of Biblical Literature* (“Revista da Literatura Bíblica”).
- JEA** *Journal of Egyptian Archaeology* (“Revista da Arqueologia Egípcia”).
- JTS** *Journal of Theological Studies* (“Revista de Estudos Teológicos”).

<i>KB</i>	<i>Lexicon in Veteris Testamenti Libros</i> (“Léxico dos Livros do Antigo Testamento”), por Köhler-Baumgartner, 1953.
Knox	Uma Nova Tradução (para o Inglês) do Antigo Testamento, tirada da Vulgata Latina por Ronald A. Knox, 1949.
LXX	A Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento).
Martin	<i>Proverbs</i> (etc.) (<i>Century Bible</i>), 1908: Comentário por G. C. Martin.
mg.	Margem (tradução alternativa na margem).
Moffatt	Uma nova tradução da Bíblia, por James Moffatt, 1935.
TM	Texto Massorético.
NCB	<i>O Novo Comentário da Bíblia</i> , editado por F. Davidson, A. Stibbs, E. Kevan, 1953. Edições Vida Nova.
Oesterley	Ver <i>WC</i> , abaixo.
<i>OTMS</i>	<i>The Old Testament and Modern Study</i> (“O Antigo Testamento e o Estudo Moderno”), editado por H. H. Rowley, 1951.
<i>OTS</i>	<i>Oudtestamentische Studiën</i> (“Estudos no Antigo Testamento”).
RV	Versão Revista da Bíblia em Inglês, 1885.
RSV	Versão Padronizada Americana Revista da Bíblia, 1952.
<i>SP</i>	<i>Sumerian Proverbs</i> (“Provérbios Sumerianos”), por E. I. Gordon, 1959.
Sir.	<i>A Pesita</i> (Tradução do Antigo Testamento em Siríaco).
Targ.	<i>O Targum</i> (Tradução do Antigo Testamento Em Aramaico).
Toy	Ver <i>ICC</i> , supra.
Vulg.	A Vulgata (Tradução da Bíblia em Latim, por Jerônimo).
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i> .
<i>WC</i>	<i>Westminster Commentaries: Proverbs</i> por W. O. E. Oesterley, 1929.
<i>WIANE</i>	<i>Wisdom in Israel and in the Ancient Near East</i> (A Sabedoria em Israel e no Oriente Próximo Antigo), editado por M. Noth e D. W. Thomas, 1955.
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i> .

INTRODUÇÃO

I. O Livro de Provérbios e a Sabedoria de Israel.

“Faz com que as pessoas más sejam boas, e que as boas sejam agradáveis”. Esta foi, segundo se diz, a oração dalguma criança. Com brevidade profética, transmite a verdade de que há detalhes de caráter suficientemente pequenos para escapar às malhas da Lei e aos violentos ataques dos profetas, sem deixarem de ser decisivos no convívio pessoal. O Livro de Provérbios é ativo neste setor, e pergunta como uma pessoa é quando se tem que conviver com ela, ou ser empregador dela; como trata dos seus negócios, do seu tempo e de si mesma. Esta senhora excelente, por exemplo — será que fala demais? Aquele homem tão animado — é suportável de manhã cedo? E para aquele amigo que sempre está fazendo visitas — aqui há algum conselho para ele . . . e para aquele rapaz um pouco desprovido de alvos na vida . . .

Este, porém, não é um álbum de retratos, nem um livro sobre boas maneiras: oferece uma chave à vida. As amostras de comportamento que espalha diante das nossas vistas são aquilatadas, todas elas, por um único critério, que poderia ser resumido na pergunta: “Isto é sabedoria ou estultícia?” Esta é uma abordagem que unifica a vida, porque se adapta aos campos mais corriqueiros tanto quanto aos mais exaltados. A sabedoria deixa a sua assinatura em qualquer coisa bem feita ou bem julgada, desde uma observação apropriada até ao próprio universo, desde uma política sábia (que brota de uma introspecção prática) até uma ação nobre (que pressupõe discernimento moral e espiritual). Noutras palavras, fica igualmente bem encaixada nos ambientes da natureza e da arte, da ética e da política, sem mencionar outros, e forma uma base única de julgamento para eles todos.

Uma abordagem deste tipo poderia ter o efeito de abaixar tudo até um nível comum, se a sabedoria fosse o equivalente do cálculo egoísta. Há, de fato, certa quantidade de cálculo em Provérbios, pois há muitas exortações no sentido de contarmos o custo ou a recompensa das nossas ações, e de estudarmos os modos de conseguirmos fazer as coisas; mesmo assim, a sabedoria que aqui se ensina se centraliza em Deus, e mesmo quando é mais prática consiste no manuseio sábio e sadio dos seus negócios no mundo de *Deus*, em submissão à Sua vontade.¹

Provérbios não é o único livro do gênero. Um grupo específico em Israel estudava a vida deste ponto de vista, e se reconhecia como um dos canais principais da revelação. Havia um ditado, citado em Jeremias 18:18, que “não há de faltar a lei ao sacerdote, nem o conselho ao sábio, nem a palavra ao profeta”; e o tom da voz deste segundo grupo pode ser ouvido nalguns dos Salmos, mas especialmente nos três “Livros Sapienciais” do Antigo Testamento: Jó, Provérbios e Eclesiastes. Nestes dois volumes que acompanham Provérbios, a ênfase muda de declarações para perguntas — ou, para dizer a mesma coisa noutras palavras, de perguntas que começam com “Qual?” (“Quais são as qualidades de uma esposa excelente?”, “Quais são os perigos do viver imoral?”, e assim por diante, para as que começam com “Como?” e “Por quê?” — perguntas a respeito dos caminhos de Deus e o propósito da vida.

A tradição da sabedoria continuou no judaísmo, deixando seus depósitos mais notáveis em dois livros que se acham na Apócrifa: Eclesiástico (conhecido, de modo mais conveniente, pelo nome do seu autor, Ben Siraque) e a Sabedoria de Salomão. Ben Siraque (cerca de 180 d.C.) segue a tradição de Provérbios, mas é mais discursivo e mais distintamente judaico. A Sabedoria de Salomão (século primeiro a.C.) tem alcance mais largo do que Ben Siraque, mormente ao desenvolver o tema da sabedoria personificada de Provérbios 8, a respeito da qual emprega linguagem que é parcialmente uma antecipação dos termos cristológicos do Novo Testamento, e parcialmente aquilo que se pode chamar um flerte platônico com o pensamento grego. Quanto a este segundo aspecto, logo seria ultrapassada pelo judeu alexandrino, Filo.

¹ Este fato se estuda mais profundamente no assunto: “Deus e o Homem”, págs. 31ss.

Além disto, podemos seguir o curso do elemento sapiencial em Israel até tempos bem antigos. Antes de Salomão dar a ele o estímulo imenso do seu próprio gênio e o influxo do talento estrangeiro, havia conselheiros permanentes na corte do seu pai (1 Cr 27:32, 33), e reputações não oficiais que se espalhavam por grandes distâncias. Em 2 Samuel 14 encontramos a sábia de Tecoa, e outra em Abel em 20:16ss., que declarou que a própria cidade era famosa pelo seu conselho. E há evidência melhor do que reputações, pois há ditados que sobreviveram a partir daqueles tempos nos estilos característicos da sabedoria. Davi citou um “provérbio (*māšal*) dos antigos” (1 Sm 24:13), Sansão propôs seu enigma (*hidā*; Jz 14:14; cf. 1:6), Jotão sua fábula (Jz 9:8ss.) — uma forma favorita no mundo antigo — e Natã propôs sua parábola (2 Sm 12:1ss.). A maior parte destes exemplos se forma de modo belo: a perícia é prova eloqüente do vigor de uma tradição viva.

Podemos perguntar, também, qual foi exatamente o alcance deste movimento. Alguns suspeitam que existe alguma rivalidade entre os profetas e esta escola, e é certo que há alguns ataques dos profetas contra os sábios (e.g. Is 29:14; Jr 8:8). Mas não havia verdadeira luta de interesses; os homens que foram assim denunciados estavam fazendo emprego errôneo dos seus poderes, assim como os profetas e sacerdotes falsos abusavam dos seus. A verdadeira sabedoria e a verdadeira profecia começaram do temor do Senhor, e ambas trabalhavam muito para levar Israel a *pensar*. Foi um profeta que disse: “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento”; e seus companheiros fizeram eco a isto (Os 4:6; cf. Is 1:3; 5:13; Jr 4:22; etc.). Foi, apropriadamente, um sábio — o próprio Salomão — que disse, a respeito da profecia: “Não havendo profecia o povo se corrompe” (29:18). Até as técnicas dos sábios eram empregadas na profecia: cf. a seqüência marcante que começa com as palavras: “Andarão dois juntos . . .?”, em Amós 3:3-8, e vários termos e passagens em Jeremias (e.g. 17:5ss.).²

Indo mais além, podemos ver a sabedoria como sendo um fio que percorria a totalidade do tecido do Antigo Testamento. Já que Deus é consistente consigo mesmo, aquilo que é Sua vontade sempre se pode expressar como sendo aquilo que a sabedoria dita, e os temas da histó-

² Ver mais em J. Lindblom, “Wisdom in the Old Testament Profets” (“Sabedoria nos Profetas do Antigo Testamento”), em WIANE, págs. 192ss.

ria, da lei, da profecia e da apocalíptica podem todos ser transpostos para este estilo. A queda do homem era a escolha daquilo que mostrou boa probabilidade de “dar entendimento” (Gn 3:6), mas que desrespeitou o primeiro princípio da sabedoria, a saber: o temor do Senhor. Contrastando-se com isto, o último retrato em Gênesis é a imagem viva do sábio de Provérbios, na pessoa de José, que (citando G. von Rad³) “através da disciplina, da modéstia, do conhecimento, do controle-próprio e do temor a Deus (Gn 42:18) dera uma forma nobre à totalidade do seu ser . . . Diante de Faraó, comprova que é um conselheiro sábio, e diante dos seus irmãos, aquele que sabe guardar silêncio, . . . e, finalmente, que é aquele que ‘cobre todas as transgressões com amor’ (10:12).” Outra vez, Deuteronômio apresenta a lei como sendo “a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos” (Dt 4:6), e coloca diante de Israel os mesmos dois caminhos de vida e morte, que são um tema favorito de Provérbios. A apocalíptica não é exceção, pois mostra que o destino humano foi mapeado pela sabedoria divina, e que o mapa se lê pelos sábios (Dn 2:20, 21; 12:10). Na era do porvir, mais uma vez, são os sábios que “resplandecerão como o fulgor do firmamento”; e esta é apenas outra expressão para indicar aqueles “que a muitos conduzem à justiça” (Dn 12:3).

Finalmente, não devemos parar na antiga aliança. Alguém maior do que Salomão haveria de vir, que escolheu para Seus ensinamentos as formas e os ritmos dos sábios, elevando o *māšāl*⁴ à sua perfeição final nas Suas parábolas. Quanto à Sua Pessoa, enquanto o Novo Testamento retomava a linguagem da Lei e dos Profetas para descrever Seu ofício entre Seu povo, como Sacerdote, Profeta e Rei, voltava-se aos Provérbios (ver 8:22ss.) e para as formas de pensamento dos sábios, na procura de termos para expressarem Sua relação com o universo e Sua identidade com o Pai, como Aquele em Quem todas as coisas foram criadas e consistem, em Quem jazem ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento; Cristo, de fato, como a Sabedoria de Deus.

³ “Teologia do Antigo Testamento” I, pág. 405/6. ASTE, SP.

⁴ Para este termo, ver o comentário sobre 1:1; para a aplicação dele às parábolas do nosso Senhor, cf. Mt 13:35 com Sl 78:2.

II. A Sabedoria no Mundo Antigo

A Bíblia muitas vezes faz alusão à sabedoria e aos sábios dos vizinhos de Israel, especialmente os do Egito (Atos 7:22; 1 Reis 4:30[TM 5:10]; Is 19:11, 12), do Edom e da Arábia (Jr 49:7; Ob 8; Jó 1:3; 1 Rs 4:30), da Babilônia (Is 47:10; Dn 1:4, 20, etc.) e da Fenícia (Ez 28:3ss.; Zc 9:2). Embora o Antigo Testamento desprezasse a magia e superstição que aviltavam boa parte deste pensamento (Is 47:12, 13), e o orgulho que o insuflava (Jó 5:13), pode falar dos sábios gentios com um respeito que nunca demonstra para com os sacerdotes e profetas deles. Salomão os ultrapassava, mas este fato é para nos impressionar; e Daniel foi mais excelente do que os sábios da Babilônia como aquele que ficou na liderança da própria profissão deles (Dn 5:11, 12). Reconhecia-se que foi Deus Quem deu compreensão sobrenatural a estes israelitas; mas o Antigo Testamento claramente dá a entender que um homem ainda pode pensar de modo válido e falar com sabedoria, dentro de um campo limitado, sem revelação especial. A história de Aitofel coloca isto fora de dúvida; o conselho dele continuava a ser procurado “como resposta de Deus a uma consulta”, mesmo depois de ele se ter tornado traidor (2 Samuel 16:23; 17:14).

O modo rápido de a reputação de Salomão se espalhar, bem como o grande número de visitantes estrangeiros que vinha ouvi-lo (1 Rs 4:34; 10:1-13, 24), ilustram o clima intelectual daqueles tempos, tanto fora como dentro de Israel. Era coisa corriqueira os sábios visitarem cortes estrangeiras para mutuamente se testarem a sagacidade e a sabedoria. Se Salomão não fez visitas para retribuir as que recebia, pelo menos despertava-se interesse na sua corte ao comparar-se os ditados dele com as palavras dos seus visitantes (1 Rs 4:30, 31), e Provérbios demonstra pelo seu conteúdo que os sábios de Israel estavam dispostos a peneirar e assimilar parte destas riquezas importadas (ver abaixo, Estrutura e Autoria, págs. 22ss.).

Uma quantidade suficiente desta sabedoria antiga sobreviveu para nos dar uma idéia dos seus interesses principais e da sua qualidade, e fica imediatamente claro que estava buscando (entre outras coisas) respostas às mesmíssimas perguntas que ocupam os livros bíblicos sapienciais de Jó, Provérbios e Eclesiastes. Na Mesopotâmia, a perplexidade a respeito do governo moral do mundo vinha de longa data: citando W. G. Lambert: “O problema do justo que sofre, certamente estava

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.